Cenários do final d

A economia deve ganhar mais velocidade no segundo trimestre e 2004 pode fechar com crescimento do PIB acima de 3%

MARIA ANTONIETA DEL TEDESCO LINS



Foram-se as festas e as férias. Analistas, operadores de mercado e a opinião pública voltam a acompanhar a conjuntura com mais atenção. Mesmo com as tempestades em todo o País, janeiro foi um mês calmo. Tão calmo que a onda de otimismo em meio à qual fechou-se 2003 levou alguns formadores de preços a crer que chegara a hora de iniciar a recomposição de suas margens de lucro. Ledo engano: a autoridade monetária confirmou, através das resoluções do Comitê de Política Monetária (Copom), que seu horror à inflação ainda é forte.

2004 começou bem: durante as três primeiras semanas de janeiro, as tendências favoráveis surgidas no quarto trimestre do ano passado contribuíram para queda do risco-País, o aumento das captações no exterior e a apreciação do real. O Banco Central seguiu com as operações para recomposição das reservas internacionais.

A reação do Copom frente à alta de preços interrompeu a sucessão de cortes na taxa Selic e trouxe desconforto aos mercados. Este fato, acrescido do movimento de realização de lucros de operadores, passou uma rasteira no otimismo ao derrubar a bolsa de valores, elevar o dólar e o risco.

e verão

Porém, a intensidade da reversão e o estardalhaço que produziu na mídia parecem exagerados. Que piora repentina e tão profunda apresentaram os indicadores, a ponto de levar as agências de classificadoras de risco a pensar em rever a posição do Brasil? A volta da prosperidade, em alguma medida, teria sido um sonho passageiro? Parece que não. As premissas sobre as quais foram realizadas muitas projeções continuam válidas. Vejamos como.

Taxa de juros

A opinião pública habituou-se ao ritmo de corte acelerado dos juros, mantido no segundo semestre de 2003, e esperava o prosseguimento da mesma cadência. O Copom deve seguir com cautela e manter como prioridade o controle do processo inflacionário. A necessidade imperativa do crescimento fará com que a redução dos juros seja também uma meta.

Nível de atividade

Os juros mais baixos estão produzindo efeitos e a recuperação já está em curso, apesar de tímida e do impacto pequeno sobre a renda e o nível de emprego. Indicadores de 2003 documentaram a arrancada, especialmente nos setores de bens de capital e duráveis. A atividade econômica deve ganhar mais velocidade a partir do segundo trimestre e o ano pode fechar com crescimento do PIB acima de 3%.

Contas externas

O Brasil parece estar encontrando um novo patamar em suas transações comerciais. Tudo leva a esperar para 2004 um sólido patamar de exportações. O crescimento das economias maduras deve estimular as vendas externas. Depois de um saldo positivo na conta corrente de 2003, o nível de atividades nacional mais vigoroso deve levar a um déficit moderado nesse ano.

Taxas de câmbio

O dólar depreciado e a relativa calmaria têm facilitado a compra de divisas pelo Banco Central, com a finalidade de recompor as reservas. Não se vê, até onde o olhar alcança, pressões importantes sobre o mercado cambial, nem tampouco uma intenção de desvalorizar a moeda como impulso às exportações. A depreciação do dólar frente às moedas fortes – em especial o euro – é um fator adicional para esta tendência.

Inflação

A política apertada de 2003 deu resultado e a inflação caiu, mesmo tendo ainda ficado superior à meta fixada de 8,5%. Os produtos comercializáveis (e, portanto, a taxa de câmbio) foram os grandes responsáveis pela baixa. Não antevendo grandes pressões sobre o câmbio e reconhecendo o caráter pontual dos presentes aumentos de preços, pode-se esperar em 2004 uma inflação bastante inferior, na casa dos 6%.

Havendo estabilidade e estando as principais variáveis controladas, a prosperidade fica garantida?

Nada é certo. Não se deve esquecer que o crescimento esperado em 2004 decorre do afrouxamento das amarras a que foi submetida a economia brasileira nos últimos anos. Racionamento de energia em 2001, turbulências no ano eleitoral, política de ajustamento extremamente rigorosa em 2003. Qualquer sopro de crescimento de agora será medido sobre uma base de comparação já muito deprimida.

E, mesmo que a atividade econômica seja capaz de ganhar um bom fôlego neste ano, existem questões estruturais cuja negligência será um gargalo à sustentação da prosperidade. Restam reformas a serem feitas, espera-se avanços nas regras de regulação de setores-chave. Enfim, é preciso criar, e ser capaz de manter, um ambiente convidativo às decisões de investimento. ■

CENÁRIO BÁSICO PARA 2004

	2001	2002	2003	2004p
PIB (%)	1,5	1,9	0,3*	3,7
Agricultura (%)	5,1	5,5	4,7*	4,0
Indústria (%)	-0,6	2,6	-0,7*	5,5
Serviços (%)	2,5	1,6	0,4*	2,8
Juros				
Taxa Selic (%aa) média	17,5	19,1	23,0	15,0
Taxa Selic (%aa) final	19,0	25,0	16,5	14,5
Inflação				
IPCA (%)	7,7	12,5	9,3	5,9
IGP-M (%)	10,4	25,3	8,7	6,7
Câmbio (R$/US$, final de período)	2,4	3,5	2,9	3,1
Balança comercial	2,6	13,2	24,8	20,6
Exportações (US$ bi)	58,2	60,4	73,1	76,8
Importações (US$ bi)	55,6	47,2	48,3	56,2
Conta corrente (% PIB)	-4,6	-1,7	0,8	-0,4

(*) preliminar
p-projeção

MARIA ANTONIETA DEL TEDESCO LINS *é doutora em economia pela FGV*